

POÉTICAS DO MÉDIO XINGU: PANORAMA APRIORÍSTICO

05

Eleticia Costa de Castro
Edmon Neto de Oliveira
Arthur Fernandes Vaz

Enviado: 30/06/2023.

Aceito: 28/07/2023.

Eleticia Costa de Castro:

Graduanda em Letras (Língua Portuguesa) pela Universidade Federal do Pará – UFPA, Campus Altamira. Atua como bolsista de Iniciação Científica no projeto intitulado “Poetas e Poéticas do Médio Xingu”.

Contato: eleticia.cst016@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6885247041714854>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-8677-2231>

Arthur Fernandes Vaz:

Graduando em Letras Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará (UFPA 2020) - Campus Altamira. Estuda poesia e os poetas do médio Xingu, a música popular paraense. Faz parte do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência e atua ainda no projeto de extensão “Letramentos múltiplos via softwares de edição de texto: práticas de leitura e escrita como dispositivos de inclusão social e de combate ao analfabetismo funcional-digital”.

Contato: arthurvaz066@gmail.com

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0472874584981603>

ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-1996-0237>

Edmon Neto de Oliveira:

Doutor em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor de literatura na Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, UFPA, Campus Altamira. Estuda poesia contemporânea brasileira, tendo publicado o livro *A encruzilhada da poesia: ensaios a partir de Alberto*

Pucheu (Apris, 2023). Coordena o projeto de pesquisa Poetas e Póéticas do Médio Xingu.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6114530440739023>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8585-4328>

E-mail: edmonneto@ufpa.br

Resumo: Este artigo apresenta os primeiros resultados de pesquisa intitulada Poetas e Poéticas do Médio Xingu, desenvolvida no âmbito da Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, da UPFA, campus Altamira. Na primeira etapa, fez-se um levantamento audiovisual e bibliográfico a partir do qual colocou-se a exame as produções poéticas da região. Longe de esgotar as suas possibilidades, a investigação cotejou uma miríade de manifestações da oralidade e da escrita, presentes nas cidades que contemplam o Médio Xingu, tendo como parâmetro primeiro o registro escrito ou em áudio. Observou-se que, em função das singularidades inerentes a essa região amazônica, que recebe fluxos migratórios históricos, a poesia produzida no Médio Xingu é expressa por núcleos poéticos emergidos da multiculturalidade local. Poetas ligados a confrarias literárias, poetas populares e de movimentos sociais, poetas vinculados às universidades, poetas marginais, além das cosmopoéticas, artes verbais e regimes discursivos originários são abordados nos resultados da primeira pesquisa efetuada sobre esse assunto.

Palavras-chave: Poesia contemporânea. Cosmopoéticas. Amazônia.

Abstract: This article presents the first results of research entitled Poetas e Poéticas do Médio Xingu, developed within the scope of the Faculdade de Letras Dalcídio Jurandir, at UPFA, Altamira campus. In the first stage, an audiovisual and bibliographical survey was carried out from which the poetic productions of the region were examined. Far from exhausting its possibilities, the investigation collated a myriad of manifestations of

orality and writing, present in the cities that contemplate the Middle Xingu, having as a first parameter the written or audio record. It was observed that, due to the singularities inherent to this Amazon region, which receives historical migratory flows, the poetry produced in the Middle Xingu is expressed by poetic nuclei that emerged from the local multiculturalism. Poets linked to literary confraternities, popular poets and social movements, poets linked to universities, marginal poets, in addition to cosmopoetics, verbal arts and original discursive regimes are addressed in the results of the first research carried out on this subject.

Keywords: Contemporary poetry. Cosmopoetics. Amazon.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Definir um texto poético não é tarefa das mais fáceis. Tentar determinar o que significa poesia é igualmente complexo, pois é adentrar um universo de amplas possibilidades e ir além dos sentidos ordinários. É mergulhar em uma fonte profunda e inesgotável de significados e percepções e, mesmo assim, a tentação de definir a poesia instigou gerações de autores, como o compilado de olhares sobre a poesia feito pelo poeta Paulo Leminski, no poema “Limites ao léu”:

“POESIA: ‘words set to music’ (Dante via Pound), ‘uma viagem ao desconhecido’ (Maiakovski), ‘cernes e medulas’ (Ezra Pound), ‘a fala do infalável’ (Goethe), ‘linguagem voltada para a sua própria materialidade’ (Jakobson), ‘permanente hesitação entre som e sentido’ (Paul Valéry), ‘fundação do ser mediante a palavra’ (Heidegger), ‘a religião original da humanidade’ (Novalis), ‘as melhores palavras na melhor ordem’ (Coleridge) ‘emoção relembrada na tranquilidade’ (Wordsworth), ‘ciência e paixão’ (Alfred de Vigny), ‘se faz com palavras, não com ideias’ (Mallarmé), ‘música que se faz com ideias’ (Ricardo Reis/ Fernando Pessoa), ‘um fingimento deveras’ (Fernando Pessoa), ‘criticism of life’ (Mathew Arnold), ‘palavra-coisa’ (Sartre), ‘linguagem em estado de pureza selvagem’ (Octavio Paz), ‘poetry is to inspire’ (Bob Dylan), ‘design de linguagem’ (Décio Pignatari), ‘lo imposible hecho posible’ (García Lorca), ‘aquilo que se perde na tradução’ (Robert Frost), ‘a liberdade da minha linguagem’ (Paulo Leminski) (LEMINSKI, 2013, p. 248).

Mesmo que a listagem não esgote o assunto, ela aponta horizontes que nos permitem direcionar o olhar para fenômenos poéticos heterogêneos, que ao mesmo tempo em que requerem sustentação epistemológica sobre a sua própria natureza, guardam em si uma liberdade conceitual que aponta para a indefinição do que seja poesia. Nesse sentido, ao longo da pesquisa desenvolvida, que envolve a noção de arte poética, levamos em consideração tanto a tradição da teoria da literatura quanto suas heranças posteriores, a fim de se vislumbrar uma dimensão conceitual que possa ser articulada às especificidades do trabalho investigativo. Sendo, pois, o conceito de arte poética o nosso ponto de partida, isso nos leva inicialmente a Aristóteles (2017) e sua primeira sistematização das formas literárias.

As heranças da poética aristotélica perduram nos estudos literários contemporâneos, mesmo que se identifique hoje uma multiplicidade de formas

e complexidades analíticas distintas das do “pai da teoria literária”. A poesia que inicialmente era lírica e declamada com o acompanhamento da música, da voz e da dança, ganhou uma nova modalidade na Grécia entre os séculos IX e VIII a.C. A modalidade escrita alcançou posteriormente um lugar de destaque com a impressão em livro, e resultou na inevitável divisão entre poesia escrita e poesia oral. Hoje, apesar de a poesia escrita receber maior atenção e permitir a perpetuação de muitos textos, as manifestações da oralidade subsistem no mundo atual e retomam toda a relação histórica entre poesia e performance, entre o corpo e a voz (KLINGER, 2021, p. 344).

No decorrer dos anos essas manifestações vêm ganhando destaque frente ao cenário da literatura, contudo nota-se que em diversos cenários ainda lhes é dado um enfoque inferior em relação à poesia escrita (FERNANDES, 2013, p. 13). Entretanto, isso não impede que a poesia oral desempenhe seu papel de importância na sociedade, pois além de ser um meio encontrado pelo ser humano para expressar os mais diversos sentimentos e emoções, não deixa de ser também um ato de resistência cujas investigações podem dar visibilidade às vozes de grupos menos favorecidos.

Assim, o termo "poéticas" presente no título da pesquisa foi assim designado devido à sua amplitude e visto que ele abrange inúmeras expressões artísticas existentes no Médio Xingu, sejam elas escritas ou orais. Dentro da abordagem das manifestações orais no território em questão, observamos a presença das cosmopoéticas indígenas que nos direcionam a um cenário distinto da literatura convencional. Um cenário embora extenso, ainda pouco conhecido e estudado. Esse trabalho com a oralidade faz com que transcenda todo o conceito mais tradicional de literário: “Dessa maneira, a literatura deixa de ser captada pelo seu sentido etimológico de littera (letra), ou seja, tudo o que está escrito, e passa a ser entendida lato sensu como cultura”. (FERNANDES, 2013, p.12).

Compreendemos que abordar as poéticas desse território diversificado reafirma justamente a ideia de que a poesia não se restringe a textos escritos e impressos, manifestando-se por exemplo nos cantos desenvolvidos pelos povos originários, ou nas letras de rap criadas por jovens talentosos que resistem diariamente à violência, à pobreza e à injustiça social. Essas variedades artísticas exprimem a identidade de um povo que seguiu em frente após épocas adversas; um povo que enxergou na arte um escape para os dias tenebrosos, e a viu como um dos recursos para a conservação de suas culturas.

CONDIÇÕES DE EMERGÊNCIA DA PESQUISA

O Médio Xingu ao longo dos anos acolheu uma diversidade de povos, caracterizando esse território como um receptor de fluxos migratórios oriundos de muitas regiões do Brasil e do mundo na curta história. Muitos desses hectares também abrigam povos ribeirinhos e originários que, em maior ou menor grau, efetuaram seus deslocamentos, embates, rupturas e aproximações se consideramos a grande história, a *longue durée*. A bacia do Xingu e seus afluentes no Estado do Pará se tornaram um lar para povos e culturas que fazem parte de um território multilíngue cuja diacronia remonta o Tupi (povos Asuriní do Xingu, Araweté, Parakanã, Juruna, Xipaya e Kuruaya); o Macro-Jê (povos Xikrin e Kararaô); o Karib (povo Arara); além dos já conhecidos sotaques do português do Brasil e suas tantas influências afro-brasileiras nos falares dentro e fora dos quilombos e reservas extrativistas.

Essa terra acolhedora, rica em inúmeras narrativas e memórias já foi e ainda é um espaço de lutas e desafios para quem nela se estabelece, estando marcada por diversos episódios conflituosos que ocasionaram as migrações de diferentes povos para essa região. Um desses episódios ocorreu no final do século XIX, em razão de uma fase econômica conhecida como o ciclo da borracha; posteriormente veio a ideia de desenvolvimento e integração da Amazônia nas décadas de 1960 e 1970, período em que foram abertas muitas estradas, como a Transamazônica (LOEBENS e CARVALHO, 2005), aumentando a circulação de trabalhadores vindos de todos os cantos do país (e em maior escala do nordeste), enquanto o acesso a muitos lugares e o contato com povos isolados foram intensificados (FRANCESCO, 2021). Um outro acontecimento mais recente ocorreu com os projetos hidrelétricos que chamam novamente a nossa atenção, principalmente para o caso da controversa Belo Monte, cujas consequências socioambientais de sua construção são constantemente notadas, levando muitos poetas locais a se questionarem e discutirem em seus versos essa problemática, como é o caso do poema *Belo Monte vem pra quê?*, de Francisco Cândido (2016), ou dos cordéis *Os boatos de Belo Monte*, de Valdeci dos Santos Teixeira (2012); e *A discussão do ribeirinho com o empresário sobre Belo Monte*, de Orlando Nascimento (2011). Todos esses episódios citados findam por apontar para a formação desse território heterogêneo, resultado das culturas que já habitavam nessa área e também das outras bagagens trazidas pelos imigrantes.

O projeto intitulado *Poetas e Poéticas do Médio Xingu* surgiu a partir da observação das recorrentes cenas de fazedores culturais que residem em

Altamira, o maior município do país em extensão territorial. A cidade que se localiza na mesorregião do sudoeste paraense é hoje um dos epicentros das questões climáticas que envolvem o futuro do planeta e a preocupação em torno de um ponto de não retorno da floresta amazônica, devido à exploração predatória das últimas décadas. Apesar dessa cidade apresentar altos índices de homicídio, suicídio, prostituição e miséria, em decorrência da hidrelétrica, nota-se que em contrapartida a essas intervenções da usina, existem as tentativas de reconstrução de uma cidade culturalmente esfacelada, cuja população empobrecida resiste a muitas opressões e ao apagamento daquilo que sempre lhe foi imanente. Muitas vezes no contrafluxo das decisões políticas e forças dos poderes locais, emergem, entretanto, diversas expressões culturais ligadas à região, que integram ou disputam espaço com o massivo da cultura brega, do sertanejo universitário e do gospel. As feiras da agricultura familiar são uma das características da cidade, e sustentam-se resilientes diante dos grandes do agronegócio, assim como os festivais voltados à pecuária e à pesca que também reforçam e divulgam um pouco desse pluralismo cultural. Os bares e casas noturnas, por sua vez, são outros espaços bastante procurados nas noites quentes de Altamira.

Nesse contexto, eventos culturais e literários fortaleceram-se nos últimos anos, o que nos chamou a atenção, afinal de contas, é nítida a heterogeneidade cultural que se apresenta de maneira marcante não só na cidade de Altamira, mas também nas cidades circunvizinhas. Vale destacar a existência de uma cultura e vivência literárias reconhecidas pelas Faculdades de Letras e Etnodiversidade; pela Academia Altamirense de Letras e Academia Transxinguana de Literatura de Cordel; pelos Coletivos de Poetas Marginais; pela Festa Literária Internacional do Xingu (FLIX), além de toda sorte de expressões artísticas da oralidade desenvolvidas pelos povos tradicionais da região. Após essa observação inicial, surgiu o interesse e ao mesmo tempo a necessidade de responder a perguntas ainda não respondidas: afinal, quem são os poetas do Médio Xingu? Quais são as produções poéticas dessa região? Se pesquisarmos algo relacionado a esse tema em portais de trabalhos acadêmicos constatamos que os resultados para essas perguntas são poucos ou quase inexistentes. Por esse motivo, tem sido um desafio lidar com algo, embora numeroso e difícil de rastrear, quase completamente desconhecido do público, pois além de textos impressos, existem também as manifestações da oralidade que dependem de registros e colaboração, como é o caso das cosmopoéticas.

A primeira fase da pesquisa, cujos resultados apresentaremos a seguir, enfrentou quase a ausência de bibliotecas e livrarias, assim como a inflação que incide sobre os livros. Exceto a presença de uma editora comercial ligada ao ensino a distância, localizada no município de Altamira, não se fala muito sobre edição de obras literárias senão com o livreiro Moisés Ribeiro, que negocia com editoras brasileiras e sobrevive da venda de volumes essenciais da literatura, filosofia política, antropologia e sociologia no shopping popular denominado Camelódromo. A partir de visitas a essa e outras livrarias da cidade de Altamira e seu entorno, pesquisas em acervos da Universidade Federal do Pará, da Biblioteca Municipal, em acervos digitais e páginas da internet, identificaram-se várias publicações locais. Concomitantemente, o levantamento audiovisual de produções expandidas (videoclipes, declamações, performances) foi importante para o avanço e a compreensão dos contornos da investigação. Dessa primeira etapa quantitativa, criou-se um banco de dados no qual constam informações sobre o que já fora produzido em poesia e algo mínimo sobre o perfil sociocultural desses poetas (gênero, idade, raça/etnia/povo[1], município).

RESULTADOS

O Médio ou Polo Xingu é constituído por dez municípios, sendo eles Altamira, Anapu, Brasil Novo, Medicilândia, Pacajá, Placas, Porto de Moz, Senador José Porfírio (também conhecido como Souzel), Uruará e Vitória do Xingu. A pesquisa registrou poetas e poéticas em oito deles, faltando apenas dois para o total alcance pretendido inicialmente pelos pesquisadores[2]. Ao todo foram 72 registros, sendo 52 escritos (levando em conta poetas que publicaram seus livros individualmente ou em antologias) e 20 registros em áudio e vídeo (disponíveis sobretudo na plataforma Youtube em canais individuais ou pertencentes a coletivos). Das manifestações expressas por apenas um indivíduo ao qual se atribui um gênero particular, identificamos 40 homens (56%) e 31 mulheres (44%), números relativamente equilibrados.

[1] Em virtude da dificuldade de localização e contato com alguns poetas, não foi possível incluir, no banco de dados, a informação de raça/ etnia/povo, por se tratar de uma questão particular que depende da autodeclaração. No entanto, consideramos importante trazer a público ao menos o nome de cada um dos poetas pesquisados, o que aparece no Apêndice inserido após as Referências.

[2] As cidades em que não obtivemos registros foram Placas e Porto de Moz, devido à dificuldade de acesso, bem como a inexistência de resultados em páginas da internet, mas compreendemos que assim como as demais cidades, essas também possuem suas manifestações que certamente podem ser rastreadas.

Sabemos, entretanto, que há dados muito aquém do rastreo efetuado pela pesquisa, o que se deve a alguns fatores. Um deles tem a ver com a dificuldade encontrada pelos pesquisadores de viajar até os municípios, a fim de acessar suas respectivas livrarias e bibliotecas. Os livros, em sua maioria, foram encontrados nos acervos de Altamira e seus entornos mais próximos, sendo algumas exceções oriundas da colaboração generosa de alunos cujos familiares vivem nessas cidades. Também a dificuldade para se chegar a determinados lugares impediu o maior contato e, por consequência, a obtenção de resultados mais robustos em se tratando de poetas indígenas, ribeirinhos, quilombolas ou aqueles que vivem em reservas extrativistas, todos esses longe da vida urbana. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa tem potencial de crescimento para atender a essa demanda em uma segunda fase cujo planejamento já está em construção.

Mesmo que nossa intenção não seja estabelecer qualquer tipo de categorização mais estanque, observamos que os textos a que tivemos acesso apontam para 5 núcleos distintos de práticas poéticas discriminadas na tabela abaixo e sobre as quais falaremos em seguida.

NÚCLEOS POÉTICOS DO MÉDIO XINGU

1	Poetas de confrarias literárias
2	Poetas de expressões populares
3	Poetas alternativos/periféricos/marginais
4	Poetas vinculados às universidades
5	Poéticas, artes verbais e regimes discursivos originários

O primeiro deles envolve os poetas vinculados a confrarias literárias, sendo a Academia Altamirense de Letras, que existe desde o início dos anos 2010, a evidência imediata da circulação de literatura na região do Médio Xingu, e na qual constam 37 cadeiras (ARAÚJO, 2021). O membro fundador, o notório professor e poeta João Jesus, publica desde o final dos anos 1980, obras como *Camponeses* (1997) e *Cantos e lamentos* (2018). Com temáticas ligadas à terra, seus poemas exploram métricas tradicionais e prosódias eloquentes para falar de uma Amazônia ceifada pelas mãos dos poderosos. No nostálgico poema “Retalhos da Amazônia”, o tom de consternação diante de uma tragédia ambiental explica o título da última obra citada do poeta: “Nada de heroísmo está sendo narrado. / A não ser que para o desenvolvimento / Seja glorioso o desfalecimento / Da florida Hilea dos tempos passados!” (ROSA, 2018, p. 30). Nessa mesma linha, Sônia Portugal, poeta de Barrinha, São Paulo, e há muitos anos em Altamira, publica também desde os anos 1980 e destaca-se com obras como *Anamã* (2017), livro composto de um único poema narrativo, a respeito de um acidente ocorrido na Ilha do Marajó com uma lancha do INCRA, que carregava lavradores para Altamira nos anos 1970.

Também a Academia Transxinguana de Literatura de cordel, fundada em 2019, vem desenvolvendo um trabalho junto a cordelistas experientes, como o pernambucano João de Castro, que há muitos anos é um dos principais incentivadores do cordel na região e organizador de diversas antologias. O cordel é a principal modalidade literária presente nas escolas da região, e não raro algum estudo sobre o uso mais eficaz dessa poesia em sala de aula surge em trabalhos de conclusão de curso. Via cordel, mas sem vínculo com as academias, chegamos a um segundo núcleo de poetas populares, que envolve muitos poemas publicados em antologias ou em edições do autor. Como de costume, os cordéis podem abordar as mais variadas questões, sejam sociais, ou até mesmo algum acontecimento regional como é o caso do *Naufração em Vila do Conde*, de Mariano Silva (2016), que narra o desastre ambiental e social que ocorreu na Vila do Conde, em Barcarena (PA), no ano de 2015. É comum também aparecerem poemas religiosos[3], além dos numerosos poemas elegíacos sobre figuras que se tornaram martirizadas pela luta popular em defesa dos mais necessitados, como

[3] Vale considerar o trabalho poético de Marília Menezes, religiosa e irmã do poeta Bruno de Menezes, que mantém relações muito próximas com a região do Xingu e com o processo de beatificação de Irmã Serafina Cinque. (MENEZES, 2019. p. 87). A espiritualidade religiosa também é matéria da poesia da poeta e professora Marilene Alves Rosa. (ROSA, 2015).

Dema e Dorothy Stang[4]. E embora seja perceptível que nos últimos anos a região tenha vivido um aumento expressivo de igrejas evangélicas, há ainda resquícios, na igreja católica, de práticas em consonância com a teologia da libertação, ainda que por diversos motivos forças reativas também ajam sobre essa vertente no Médio Xingu. Em Cantos e poesias, o poeta e agricultor João Mendes (s/d), analfabeto que teve seu livro transcrito por vários colaboradores, deixa o leitor perplexo na estrofe que diz: “Este ano aqui na Prelazia, 80 anos se passaram. / Dom Erwin, ele celebrou missa com colete à prova de bala” (MENDES, não paginado)[5]. Há, ainda nesse núcleo, poetas eles mesmos imiscuídos na luta popular, como Antônio Claret Fernandes (2012), atuante no Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB).



Parte da bibliografia poética consultada. Arquivo dos pesquisadores.

[4] Aldemir Alfeu Federicci, o Dema, foi um missionário da Prelazia do Xingu em Medicilândia, assassinado em 2001 em sua própria casa. Dorothy Stang, assassinada em Anapu em 2005, dedicou-se à educação dos mais pobres na Congregação das Irmãs de Notre Dame de Namur. Ambos foram incansáveis na defesa do meio ambiente, tendo enfrentado ameaças de madeireiros e proprietários de terras durante os seus últimos anos de vida.

[5] Dom Erwin Kräutler hoje vive na Áustria, seu país de origem. Foi, durante muitos anos, bispo em Altamira e veemente opositor do projeto Belo Monte.

Desponta, nesse recorte de vida amazônica, uma juventude periférica, assumidamente marginal, que forma um terceiro núcleo de poetas. Uma juventude majoritariamente preta e de origem (nem sempre reconhecida) indígena. Práticas poéticas mais evidentes nos últimos anos se deram com o Coletivo de Poetas Marginais, que publicou o E-book *Um pouco de tudo de nós*, com poemas de Vitoriano Bill, Aline Pereira, Devaneios e Soll (BILL, 2021), dentro de uma série de eventos apoiados pela Lei Aldir Blanc. Esses poetas escrevem poesia, experimentam as suas enunciações, exercem enfim uma atividade cultural. Muitos desses poetas estão ligados ao movimento Hip-hop, que é singular em Altamira. Na ocupação de praças e estabelecimentos públicos, poetas talentosos, com a palavra e o ritmo em sintonia, resistem bravamente à violência, à pobreza e à injustiça social. Tudo isso com o peso de suas palavras, na ética esportiva das batalhas de MCs. O *Altas Batalhas*, evento comandado pelo multiartista Joaka Barros, de maneira exemplar conduz performances de vidas urgentes, executadas por jovens que aprenderam e se habituaram a organizar os seus próprios gritos. Durante a pandemia Joaka produziu e dirigiu, na orla de Altamira, a *Trapixo Sessions*[6], com videoclipes de vários MCs ligados ao coletivo *Reação de Rua*. Patinhas, Nego João, Lovers Gui, Miúdo de Nome, Sôza, Tahina Kun Galante, Osny Mubarak, Vizage, Rafael MC, Souza, o próprio Joaka Barros, o pré-adolescente Hiago MC, todos esses participam da série com suas letras afiadas e combativas. Destacam-se também os MCs Fernando de Oliveira (compositor e multi-instrumentista) e Rodrigo Costas (MC Poeta Marginal), segundo o qual “Altamira é mãe severa” e cujas performances voco-corporais estão disponíveis no Youtube[7]. As batalhas preparam novos MCs que começam desde novos a acompanhar os eventos e a se concentrar na produção de suas rimas e de seus ritmos particulares na evidência de um comum partilhado (RANCIÈRE, 2005, p. 15). Muitos têm participado de etapas regionais e nacionais em outras batalhas para onde levam a experiência de viver nas periferias de Altamira, muitas tomadas pelo tráfico de drogas e pelas disputas entre facções criminosas.

Um quarto núcleo de poetas envolve aqueles que já passaram pela universidade e com ela mantêm alguma relação. Muitos desses estabelecem vínculo com o Médio Xingu ora porque nasceram na região e se mudaram dela; ora porque vieram para cá, mas nasceram em outras regiões. É o caso de Laura Nogueira, poeta de Uruará, hoje residente em Belém onde estudou

[6] A série de videoclipes pode ser assistida na íntegra no canal *Reação de Rua Altamira Xingu*. Disponível em: <<https://www.youtube.com/@ReacaodeRuaAltamiraXingu>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

letras. Laura publicou os notáveis Poema Pequeno (2016) e habitamos sem rosto (2022), de onde se retira um verso como “Minha poesia vem de um país de cinzas, de um mundo de cinzas” (NOGUEIRA, 2022, recurso eletrônico). No caso do poeta e editor curitibano Jaime Jr., há um trabalho com a poesia e o ensino na Faculdade de Engenharia Ambiental no campus de Altamira, sendo que os temas relacionados à terra, à floresta e à vida aparecem recorrentemente em seus poemas (SANTOS JUNIOR, 2022). Trata-se de um deslocamento distinto do de Laura Nogueira, assim como no caso do poeta belenense Paulo Vieira, que um dia teve o privilégio de ser lido e elogiado por Benedito Nunes. Paulo é engenheiro florestal e doutor em literatura. Performador conhecido na Faculdade de Etnodiversidade, publicou vários livros de poesia e, em 2022, a seleção intitulada Vieiranembeira com poemas de todas as obras anteriores e alguns inéditos[8]. A seguir, apresentamos o poema “Xingu” quase todo na íntegra.

primeira vez no xingu e
eu imaginava os entocados braços
ao longo do corpo desengonçado,
já estariam secos? necrosados
sem água-verde-sangue?

depois ouvi alguém dizer ‘os arara’
e como se referia ao povo arara
na palavra não cabia mesmo o
plural
que acompanha o artigo,
foi assim que achei ‘os arara’
ainda mais lindos que ‘as araras’
voando por cima do barco

– risos azuis, vermelhos

ervas, resinas, cinzas, jenipapo,
urucum
o xingu abençoa se você
pronunciar:

[7] Cf. “Aqui é uma boca”, videoclipe de Rodrigo Costas produzido por Joaka Barros. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8EYPu1p70F4>> Acesso em: 11 jun. 2023; e “Depois do contato”, videoclipe de Rodrigo Costas produzido por Malária. Disponível em: <<https://youtu.be/By84HEh2A3o>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

[8] O elogio de Benedito Nunes está na primeira orelha: “Paulo Vieira dá-nos o poema ágil, como pedia Oswald de Andrade” (VIEIRA, 2022).

mebêngôkre kayapó kararaô

(mas só vale se disser em voz
alta!)

mebêngôkre kayapó kararaô

o beiradão é mais silencioso de dia
porque boca-da-noite vem tudo
que é onça,
porcão, veado, sapo, anta, pium,
puim, pium

ouviu? são os tracajás
mergulhando
seus escudos indestrutíveis
aliás, certa manhã na praia –
pálido beijo de rio –
vi tanto escudo abandonado, areia
úmida
sobre eles, sangue escuro aqui e
ali,
vísceras, uma fogueira já fria,
ossos

e milhares de ovos enterrados
como sementes

(...)

do lado de cá, a barragem
cinturão de concreto
estrangula o xingu

na volta grande
pedras pedras pedras
são o cinza esqueleto de um
defunto
antes verde rio em corredeira

foi de lá que vieram aqueles juruna
ali na orla
empoeirados

a pele seca
como o rio
de onde foram expulsos

família inteira
pai, mãe rindo tanto
quanto os curumins
assistindo a uma partida
de vôlei na areia

outros dobrando à esquina
vagando pelo comércio

são refugiados do xingu
por muitos confundidos com
refugiados de venezuela, estes
pedindo aqui no semáforo
da brigadeiro
lá no da sete

altamira apaga as luzes
pois não pode pagar a conta
mas não dorme
porque o sono é dos injustos

madrugada quase fria
enquanto o rio xingu passa
devagar, silencioso
olha para cada casa,
porto, cão, gato,
gente, cada rosto
mal iluminado
pelos postes
da usina (VIEIRA, 2021, pp. 19-
22).

Esse poema de Paulo Vieira nos coloca de imediato diante de um desastre. Na sua construção, o sujeito poético quase nos convence, quando vislumbra e descreve o contato com a natureza e com os povos da floresta, de que irá estacionar na postura contemplativa e nas histórias de pescador. Mas, quando se chega à constatação de um “rio morto” pelo mercúrio e à sugestão de que vivemos uma guerra cujos efeitos produziram os “refugiados do xingu”, pode-se ler o duplo sentido do verbo “apagar” (= contrário de acender; ou = matar) em “altamira apaga as luzes, pois não pode pagar a conta”. Trata-se de um poema

recente do autor, que está em consonância com todo um movimento que debate a centralidade da Amazônia no mundo. É o que aponta, por exemplo, a jornalista e escritora Eliane Brum, que se interessa por poetas e escreve como poeta, e sobretudo conhece as injustiças e as contradições da região de Altamira onde estabeleceu moradia. Ela nos conta, de modo elevado e penetrante, suas experiências de “amazonização” e “desembranchamento” no premiado Banzeiro Òkòtó (2021), trabalho importante e corajoso ao qual retornamos com frequência, e que está na fronteira entre o jornalismo, a etnografia e a literatura.

A vida no Médio Xingu além das imediações urbanas é permeada por uma aura misteriosa, criada por aqueles que não a conhecem verdadeiramente. Isso porque estar na cidade de Altamira é apenas uma amostra do quão complexos são os modos de vida dos povos da floresta. No quinto núcleo estão as práticas poéticas e regimes discursivos originários, que se manifestam por meio de cosmovisões partilhadas com os membros das comunidades específicas. As artes verbais dos indígenas do Médio Xingu envolvem histórias tradicionais e cantos, de modo que os universos estudados até hoje vêm da antropologia, da arqueologia e da história. Alguns tratamentos sobre as artes indígenas podem ser observados na clave da etnomusicologia, como é o caso da artista cearense Marlui Miranda (1995), que faz um trabalho profundo de pesquisa sobre os cantos de etnias indígenas, incluindo os dos povos do Xingu. Marlui intervém sobre esses cantos e os produz em áudio, análogo ao que é feito na etnopoésia[9] de uma Josely Vianna Baptista (2011). Também são casos específicos os registros de cantos e rituais levados ao LP Xingu cantos e ritmos (1972)[10], com apresentação dos irmãos Villas Boas, contemplando os povos do Estado do Mato Grosso, sendo que alguns deles mantêm laços parentais com os povos do Pará, como é o caso dos Juruna. E para aproximar os dois maiores shows da terra, o Boi Garantido de Parintins (AM) homenageou os Kaiapó Xicrin em 2012, que vivem em região denominada Trincheira Bacajá entre os municípios de Altamira e Senador José Porfírio. Enquanto a Imperatriz Leopoldinense leva para a Sapucaí em 2017 enredo sobre os Kayapó Kararaô do curso superior do rio Iri.

[9] Utilizamos o termo “etnopoésia” em alusão a Jerome Rothenberg (2006). Pedro Cesarino (2011, p. 18) chama a atenção para muitos dos conceitos ainda de pé deixados por Rothenberg, mas sugere que certo “vocabulário romântico-vanguardista” do poeta estadunidense possa ser repensado.

[10] Disponível em: <<https://immub.org/album/xingu-cantos-e-ritmos>>. Acesso em: 10 jun. 2023.

Os contatos mais profundos com as cosmopoéticas dos povos do Médio Xingu foram registrados ao longo dos anos por antropólogos em estudos de referência. Curt Nimuendajú, etnólogo alemão já chamado de “herói civilizador” (SCHRÖDER, 2017, p. 5) pela antropologia, aproximou-se dos povos Xipaya no início do século XX. Regina Müller (1993), estudiosa dos povos do Asuriní, refletiu sobre a vivência desses povos a partir do pensamento xamanístico[11] em atividade na margem direita do Xingu. Não se sabe, entretanto, se nesses dois casos houve registro e documentação de cantos entoados nas mais diversas situações da vida nas aldeias, como ocorre em leipari (espécie de poste cerimonial na língua Karib), obra minuciosa de Márnio Teixeira-Pinto (1997) sobre a cultura Arara, no interior da qual ele estuda a sua musicografia. Composta por música instrumental, executada com flautas e feita sobre e para os animais; e composta também por cantos ritualísticos, analisados em situações específicas da vida em que o canto é requerido. Ao estudar a língua Karib dos Arara, Teixeira-Pinto transcreve cantos (alguns sobre sacrifícios e troféus humanos) e os traduz em um capítulo específico de sua obra. Embora seja perceptível que as versões para o português sejam de qualidade, não nos parece que houve uma preocupação transcritiva tão desenvolvida, dado até mesmo o interesse do pesquisador e já que os exemplos prezam mais pela aproximação sintático-semântica do que pela rítmica dos cantos originais. É, ainda assim, a contribuição mais relevante e completa que existe sobre os cantos dos povos Arara.

Via tese de Eduardo Viveiros de Castro (1986), sabemos mais sobre os Araweté e sua xamanística estudada nos anos 1980, na qual as divindades e os mortos se manifestam aos humanos. Viveiros de Castro afirma, contudo, que diferentemente do que se possa pensar, os “Araweté, homens e mulheres, nunca se faziam de rogados (ao contrário) para cantar e gravar o repertório musical do grupo – os cantos individuais dos xamãs, vivos ou mortos, longe de serem ‘sagrados’, são sucessos populares” (VIVEIROS DE CASTRO, 1986, p. 41). Esse trabalho incontornável da antropologia brasileira é lido pelo também antropólogo e poeta Antônio Risério em “Palavras canibais” (2023, recurso eletrônico), texto finalizado com o “Canto da castanheira”, entoado em 1982 por Kãñipaye-ro a Viveiros de Castro. A tradução revista por Risério cria um ritmo próprio para o canto, como se construísse a imagística de um ritual xamânico, mas um ritual em língua portuguesa. E mesmo isso acontecendo, pois o

[11] Em artigo sobre eles, Müller (2023, p. 103, recurso eletrônico) também descreve os cantos e as danças como entoados durante os ritos da pajelança.

trabalho é também de criação poética, a tradução respeita as singularidades da língua Araweté, como por exemplo nas frases ideofônicas que expressam eventos sem serem verbos.

Nai dai dai
Por que você empluma a grande castanheira?
Por que os Maï emplumam a grande castanheira,
Modidaro?
Por que os Maï solteiros emplumam a face da
castanheira?
Eis aqui os Maï, Ararinhano, emplumando a face da
castanheira,
Eis aqui os Maï, emplumando a grande castanheira.
Nai dai dai. (RISÉRIO, 2023, p. 43, grifos nossos).

Talvez por isso Risério convoque os poetas, chamando a atenção para outro gesto decisivo que estaria no Guesa Errante de Sousândrade, a recriarem cantos e poemas em “linguagem esteticamente eficaz” (RISÉRIO, 2023, p. 28). Para o autor, o poeta romântico já teria iniciado, no final do século XIX, uma experiência próxima à da transcrição de línguas originárias. Trabalho que hoje envolve poética e tradução, e é desenvolvido de modo exemplar por nomes como Pedro Cesarino (2011), Guilherme Gontijo Flores (2019), a já citada Josely Vianna Baptista (2011), sem se esquecer da contribuição inestimável de Cláudia Neiva de Matos (2010).

No Médio Xingu esse tipo de pesquisa é ainda inexplorado, mas certamente é frutífero, pois talvez envolva o que fora chamado por Alberto Pucheu (2018) de “arcaicontemporâneo”, uma justaposição de tempos e espaços reconfigurados pelas cosmovisões originárias, nesse caso registradas por Bruce Albert a partir das palavras de Davi Kopenawa em A queda do céu (2015). Nesse sentido, o contato entre os muitos povos do Xingu pode dar-se dentro ou fora da universidade (guardadas a responsabilidade e a ética envolvidas no trabalho com seres humanos), de modo que o estudo das línguas originárias e cosmovisões a elas inerentes sem dúvida é um caminho pelo qual mais pesquisadores e professores devem percorrer, tendo como efeito prático o necessário aprimoramento do ensino indígena. Por ora, a ampliação da presença, ainda baixa, dos povos originários na universidade é uma lacuna a se preencher, não se esquecendo de todos os esforços louváveis que já são feitos, sobretudo por meio de processos seletivos especiais para o ingresso no ensino superior.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compartilhamos, por fim, da visão que considera imprescindível para o nosso tempo o reconhecimento de que vivemos uma virada epistemológica das mais significativas na história da cultura. Sem precisar abandonar nenhuma de nossas referências, podemos apontar hoje dezenas de escritores, poetas, pensadores, pesquisadores, teóricos, muitos saídos não necessariamente dos circuitos acadêmicos e dos centros hegemônicos do saber, aos quais recorreremos para reorientar as efetivações do nosso pensamento, tantas vezes viciado nos signos ocidentais. Que a escuta é uma arte do futuro, pensamos nessa frase quase como axioma de base. E tornar o ouvido mais arguto implica rever as bibliotecas, afinar intermitentemente os instrumentos de trabalho, recalcular rotas que criem condições de se pensar as diferenças a partir das próprias diferenças. Pesquisar então o que propomos como poéticas do Médio Xingu (no momento que vivemos e pesquisamos no Médio Xingu) exige uma compreensão cuidadosa sobre o sensível. É, antes de tudo, colocar-se na rota de muitas complexidades. Por isso esperamos que esse primeiro olhar para os núcleos distintos da poesia xinguna possa ser ponto de partida para outros trabalhos em colaboração, e que tratem seus objetos com a merecida dignidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ioleth (Org.). Antologia discursos. Academia Altamirense de Letras. Altamira: AAL, 2021.

BAPTISTA, Josely Vianna. Roça Barroca. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

BILL, Vitoriano. Um pouco de tudo de nós. Vitoriano Bill, Aline Pereira, Devaneios, Soll. Altamira: Edição do autor, 2021.

BRUM, Eliane. Banzeiro Òkòtó: uma viagem à Amazônia centro do mundo. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CÂNDIDO, Francisco. Belo Monte vem pra que? In: CASTRO, João de (org). I Antologia Poética da Transxingu. Altamira: Edição do autor, 2016.

CESARINO, Pedro. Oniska: poética do xamanismo na Amazônia. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011.

DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção [recurso eletrônico]. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018.

FERNANDES, Antônio Claret. Suspeitas. Belo Horizonte: Código Editora, 2012.

FERNANDES, Frederico A.G. (Org.) Oralidade e Literatura: manifestações e abordagens no Brasil. Londrina. Editora Eduel, 2013.

FLORES, Guilherme Gontijo. Um walkie-talkie na encruzilhada das águas: traduzir e cantar a poesia xamânica Marubo. Cad. Trad., Florianópolis, v. 39, nº esp., p. 171-226, set-dez, 2019.

FRANCESCO, Ana Alves. Terror e resistência no Xingu. São Paulo: ISA – Instituto Socioambiental, 2021. pp. 69-70.

JESUS, João. Camponeses: conto-poema. Belém: Graficentro, Gráfica e Editora Ltda, 1997.

JESUS, João. Cantos e lamentos. Belém: Cultural Brasil, 2018.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. A queda do céu. Palavras de um xamã Yanomami. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

LOEBENS, Egon. H.F; CARVALHO, Priscila D. Amazônia indígena: conquistas edesafios. Estudos Avançados. Manaus, v. 19, n. 53, p. 237-257, jan. 2005.

MATTOS, Cláudia Neiva de. A poesia popular na república das letras: Sílvio Romero folclorista. Rio de Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.

MENDES, João. Cantos e poesias. Medicilândia: Edição do Autor, s/d.

MENEZES, Marília de. O Xingu impulsionou Serafina. In: CASTRO, João de. Nós, poetas amazônidas. Belém: Edição do Autor, 2019. p. 87

MIRANDA, Marlui. Ihu: Todos os sons. Pau Brasil, 1995.

MÜLLER, Regina Polo. As artes indígenas e a arte contemporânea. Textos escolhidos de cultura e arte populares, Rio de Janeiro, v.7, n.1, p. 7-18, mai. 2010.

MÜLLER, Regina Polo. Asurini do Xingu. Revista de Antropologia, vol. 27/28. Biblioteca Digital Curt Nimuendajú – Coleção Nicolai. Disponível em: <www.etnolinguistica.org>. Acesso em: 14 mai. 2023.

NASCIMENTO, Orlando. A discussão do ribeirinho com o empresário sobre Belo Monte. Altamira: Edição do Autor, 2011.

NOGUEIRA, Laura. Poema pequeno. Belém: Fundação Cultural do Pará, 2016.

NOGUEIRA, Laura. habitamos sem rosto. São Paulo: Patuá, 2022. Disponível em: <<https://www.editorapatua.com.br/habitamos-sem-rosto-de-laura-nogueira-e-ilustracoes-de-lea-araujo/p>>. Acesso em: 11 jun. 2023.

PORTUGAL, Sônia F. Anamã. Fogo nas águas do Amazonas. Belém: Cultural Brasil, 2017.

PUCHEU, Alberto. A queda do céu: o arcaicontemporâneo de Davi Kopenawa e Bruce Albert. In: DORRICO, Julie; DANNER, Leno Francisco; CORREIA, Heloisa Helena Siqueira; DANNER, Fernando (Orgs.) Literatura indígena brasileira contemporânea: criação, crítica e recepção. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2018, pp. 397-423.

RANCIÈRE, Jacques. A partilha do sensível: estética e política. Tradução Mônica Costa Neto. São Paulo: 34, 2005, p. 15.

RISÉRIO, Antônio. Palavras canibais. Revista USP, [S. l.], n. 13, p. 26-43, 1992. DOI: 10.11606/issn.2316-9036.v0i13p26-43. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/25594>. Acesso em: 15 maio. 2023.

ROTHENBERG, Jerome. Etnopoesia do milênio. Tradução Luci Collin. Rio de Janeiro: Azougue, 2006.

ROSA, Marilene Alves. A mulher no caminho. Belém: Editorial de Livros, 2015.

SANTOS JUNIOR, Jaime Barros dos. Petricor. Curitiba: Toma aí um poema, 2022.

SCHRÖDER, Peter (Org.). Os índios Xipaya cultura e língua: textos de Curt Nimuendajú. Tradução Peter Schröder. Recife: Editora UFPE, 2017.

SILVA, Mariano. Naufrágio em Vila do Conde. Altamira: Edição do autor, 2016.

TEIXEIRA, Valdeci dos Santos. Os boatos de Belo Monte. Vitória do Xingu: Edição do Autor, 2012.

TEIXEIRA-PINTO, Márnio. IEIPARI. Sacrifício e Vida Social entre os índios Arara (Caribe). São Paulo: HUCITEC; Editora a UFPR, 1997.

VIEIRA, Paulo. Vieiranembeira. Poemas escolhidos pelo autor. Belém: AMO! Editora, 2021.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Araweté: os deuses canibais. Rio de Janeiro: Jorge Zahar/ANPOCS, 1986.

APÊNDICE

POETAS E POÉTICAS DO MÉDIO XINGU

1	Adriana Ranzani
2	Agnaldo Rossi da Silva
3	Aldirene França da Silva
4	Aline Pereira
5	Ana Zaffalon

6	Ariane Valéria Pereira Patriota
7	Auxiliador Jairo de Souza
8	Avanildo Moreira Matues
9	Ávylla (Devaneios)
10	Benedita Ginalda

11	Boi Garantido*
12	Claudio e Leonardo Villas-Boas*
13	Cosmovisão Yudjá (Juruna)
14	Edmon Neto
15	Ednaldo Gomes dos Santos
16	Eleutério Mendes de Castro
17	Eliane Brum*
18	Eliane Coelho Cerqueira
19	Felipe Mendonça (Patinhas)
20	Francisco Candido

21	Guanacy D'Anagee
22	Hiago MC
23	Imperatriz Leopoldinense*
24	Ioleth Araújo Silva
25	Irmã Marília Menezes
26	Ivonete Coutinho
27	Jaime Junior
28	Joaka Barros
29	João de Castro Ribeiro
30	João Jesus
31	João Mendes

32	Kãñipaye-ro Araweté
33	Laura Nogueira
34	Lídia França da Silva
35	Lovers Gui
36	Lucimar Barros Silva
37	Luiz Pena
38	Mábia Rossi da Silva
39	Manuel da Silva Araujo
40	Manuel José Leite
41	Maria Augusta Xipaya

42	Maria Laire de Farias Lins Gonçalvez
43	Mariano Silva
44	Marilene Alves Rosa
45	Marilene Nascimento Barbosa
46	Marlui Miranda*
47	MC Fernando de Oliveira
48	Miúdo de Nome
49	Mulheres Kayapó Xikrin
50	Musicografia Arara
51	Nego João

52	Nelivaldo C. Santana
53	Nilsa Barbosa da Silva
54	Orlando Nascimento
55	Osny Mubarak
56	Pajelança Assurini
57	Paulo Vieira
58	Rafael Gomes Zãn
59	Rafael MC
60	Rodrigo Costas (MC Poeta Marginal)
61	Rosângela Maria Torres Emerique

62	Safira Gonçalves Novaes
63	Simone Carla Alves Gil
64	Soll
65	Sônia Feiteiro Portugal
66	Souza
67	Sôza
68	Tahina Kun Galante
69	Ubirajara Marques Umbuzeiro
70	Valdeci dos Santos Teixeira
71	Vitoriano Bill

72	Vizage
----	--------

* Casos particulares considerados pela pesquisa.